

COTIDIANO MARAJOARA POR MEIO DAS LENTES DE JOVENS DO PROJETO ÀWÚRE RIBEIRINHO

Marajoara everyday life through the lenses of young people from the ÀWÚRE Ribeirinho project.

La vida cotidiana marajoara a través de las lentes de los jóvenes del proyecto ÀWÚRE Ribeirinho.

Ana Karoline Oliveira Figueiredo Barbosa¹

Camila de Andrade Simões²

Marcus Dickson Oliveira Correa³

DOI: doi.org/10.31501/esf.v2i30.14978

Resumo: O artigo investiga 503 fotografias produzidas por 48 jovens das cidades do Marajó, como parte do Curso de Multimídia do projeto ÀWÚRE Ribeirinhos. Para isso, foram utilizadas duas frentes metodológicas centrais: (1) princípios de categorização em Bardin (2011) e (2) uma iconologia a partir de Panofsky (2017). A pesquisa analisa como essas imagens desafiam estereótipos e narrativas predominantes, oferecendo representações próprias e mediadas das respectivas cidades. As fotos destacam aspectos do ambiente urbano, elementos naturais e, de maneira intrigante, a presença significativa de barcos, evidenciando a centralidade do sistema fluvial na região.

Palavras-chave: Amazônia. Dissidência. Fotografias. Juventude. Ribeirinhos.

Abstract: This article investigates 503 photographs produced by 48 young people from the cities of Marajó, as part of the ÀWÚRE Ribeirinhos project Multimedia Course. Thus, two central methodological fronts were used: (1) categorization principles in Bardin (2011) and (2) an iconology based on Panofsky (2017). The research analyzes how these images challenge prevailing stereotypes and narratives, offering their own mediated representations of the respective cities. The photos highlight aspects of the urban environment, natural elements, and, intriguingly, the significant presence of boats, pointing out the centrality of the river system, in the region.

Keywords: Amazon. Dissent. Photographs. Ribeirinhos. Youth.

Resumen: El artículo investiga 503 fotografías realizadas por 48 jóvenes de las ciudades de Marajó, en el marco del Curso Multimedia del proyecto ÀWÚRE Ribeirinhos. Para ello se utilizaron dos frentes metodológicos centrales: (1) principios de categorización en Bardin (2011) y (2) una iconología basada en Panofsky (2017). La investigación analiza cómo estas imágenes desafían los estereotipos y narrativas prevalecientes, ofreciendo representaciones propias y mediadas de las respectivas ciudades. Las fotografías resaltan aspectos del entorno urbano, elementos naturales y, curiosamente, la importante presencia de embarcaciones, destacando la centralidad del sistema fluvial en la región.

Palabras-clave: Amazonía. Disentimiento. Fotografías. Juventud. Ribeirinhos.

¹ Doutoranda. Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA, Brasil. pesquisadora.karolbarbosa@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0002-6914-2982>

² Doutora. Universidade Federal do Paraná. camilasimoescontato@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-6254-0713>

³ Doutorando. Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil. dickson.prof@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-9760-5628>

Considerações Iniciais

Pelos rios do Marajó, pudemos conhecer paisagens exuberantes, múltiplas culturas e muitos desafios. Em 2022 passamos pelas cidades de Currálinho, Breves e, por fim, Melgaço. Esse artigo se origina das reflexões da vivência de uma realidade marcada por contrastes e adversidades, pautadas pela ótica das lentes das máquinas de celular dos jovens marajoaras.

O Marajó é uma grande Área de Proteção Ambiental (APA), e abrange os municípios na porção insular, sendo eles: Afuá, Anajás, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Currálinho, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure; além de mais quatro municípios do arquipélago na porção continental: Gurupá, Melgaço, Portel e Bagre, abrangendo um total de 16 municípios, sendo considerada a maior Unidade de Conservação da costa norte do Brasil⁴.

O arquipélago é conhecido por sua rica cultura e tradições, as cidades possuem identidades culturais marcantes, que se refletem em manifestações culturais singulares, como o carimbó, as danças folclóricas e os festivais, além da culinária típica e de outros aspectos socioculturais locais. É importante ressaltar que a região do Marajó é caracterizada por uma geografia singular, com seus rios, igarapés e várzeas, que desempenham um papel essencial na vida cotidiana e na economia local. A pesca e a agricultura são atividades econômicas relevantes, proporcionando subsistência e geração de renda para muitos moradores.

A partir deste ponto, apresentamos dados de contexto que estão comumente associados a uma “leitura” dos universos complexos: dados numéricos que representam um recorte objetivo da realidade.

⁴ A Área de Proteção Ambiental (APA) do Marajó é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, criada a partir do Art. 13, § 2º, da Constituição do Estado do Pará de 1989. (<https://ideflorbio.pa.gov.br/unidades-de-conservacao/8/area-de-protecao-ambiental-do-marajo>)

Dito isso, admite-se que estes conjuntos de informações têm características indiciais (índice), indicadores que apontam em algumas direções. Sem dúvida, de maneira limitada e parcial, o que representa grande parte das explorações em Ciências duras. A ideia é seguir do campo objetivo em direção às subjetividades que a imagética proposta possa comportar, também, em seus novos e diferentes recortes a se visualizar.

Com isso, nossa primeira parada foi Curralinho, localizada na microrregião de furos do Marajó. De acordo com o último levantamento publicado pelo IBGE em 2022, a cidade possui aproximadamente 33.903 habitantes. Nesse contexto, os indicadores sociais parecem revelar desafios significativos enfrentados pela população local. Segundo o IBGE, Curralinho apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,502 (dados de 2010), indicando um nível de desenvolvimento humano considerado baixo. Além disso, apenas 1,4% dos domicílios do município possuem acesso a esgotamento sanitário, evidenciando as dificuldades cotidianas enfrentadas pela população nessa área.

Já o município de Breves é conhecido como “capital do Marajó”, segundo os moradores. A cidade possui uma população de aproximadamente 106.968 habitantes, com base nos dados do último levantamento publicado pelo IBGE, em 2022. A partir disso, o município parece enfrentar desafios socioeconômicos significativos. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Breves, de acordo com o IBGE, é de 0,573 (dados de 2010), evidenciando um nível de desenvolvimento humano considerado baixo. Essa métrica, como referido anteriormente, indica tipos de desigualdades e/ou dificuldades enfrentadas por populações, nas instâncias infraestruturais e estruturais conforme um entendimento de dignidade cidadã. Nessa direção, a infraestrutura básica se apresenta

como um desafio para o município, com apenas 3,6% dos domicílios possuindo esgotamento sanitário adequado, segundo dados do IBGE.

A última parada foi na cidade de Melgaço, localizada na microrregião de Portel, e possui população de 27.876 habitantes (IBGE, 2021). Com uma área de cerca de 6.774 km², o município encontra-se a 30 km da cidade polo do Marajó, Breves, cerca de uma hora de lancha para o deslocamento, além das 12 horas de navio para quem sai da capital do estado, Belém. Seu IDH é considerado o pior do Brasil: “Se Melgaço fosse um país, teria o nono pior índice de desenvolvimento humano do mundo, junto a países marcados por guerras, epidemias e extrema pobreza, como Serra Leoa, Guiné e Níger” (Ribeiro, 2016). Esses números indicam uma realidade desafiadora, que afeta diretamente a vida das famílias que vivem nesse contexto. Em nossa estadia de três semanas no município, vivemos algumas dessas dificuldades diretamente, como falta de saneamento, problemas de distribuição de água e energia elétrica, além de diversas oscilações no serviço das operadoras telefônicas.

Entendemos que um local não pode ser reduzido ao seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Embora seja um indicador importante, acaba sendo limitado para capturar a complexidade do desenvolvimento. Como proposto por Amartya Sen nos anos 1990 (*apud* Acosta, 2016), o conceito de “desenvolvimento humano” vai além do crescimento econômico, buscando medir o progresso através da ampliação de oportunidades e capacidades das pessoas. Embora o IDH leve em consideração aspectos como saúde, educação, igualdade social e preservação da natureza, ele não consegue superar as raízes predatórias e concentradoras do desenvolvimento.

De modo geral, que possibilitou essa experiência foi o projeto ÀWÚRE Ribeirinhos, sendo uma iniciativa conjunta do Ministério Público do Trabalho (MPT), da Organização Internacional do Trabalho

(OIT) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com abrangência em diversas regiões do Brasil. Lançado em novembro de 2019, o projeto tem por objetivo a promoção da inclusão social e produtiva, bem como na prevenção da exploração das piores formas de trabalho, especialmente o trabalho infantil, a exploração sexual e o trabalho escravo contemporâneo.

Segundo a organização das ações, o projeto ÀWÚRE se propõe a fortalecer as comunidades em situação de maior vulnerabilidade social, como os povos originários (indígenas), as comunidades tradicionais (quilombolas, terreiros de religiões de matriz africana e ribeirinhas) e as comunidades periféricas, com um foco especial em crianças, adolescentes e jovens. O projeto também dispõe de um espaço seguro para denúncias, além de fomentar ações que visem a proteção e o empoderamento desses grupos.

Por meio de parcerias com organizações locais, instituições governamentais e sociedade civil, o ÀWÚRE busca a construção de políticas públicas e a implementação de ações concretas para enfrentar os desafios enfrentados por essas comunidades, o que justifica as localidades escolhidas para as ações, como descrito até aqui. Entre os parceiros do projeto estão a ONG Rádio Margarida e da Diretoria de comunicação popular e comunitária da Secretaria de Comunicação do Estado (Secom-Pa).

Fomos convidados como instrutores para a realização do Curso de Multimídia para jovens de 12 a 18 anos, nos municípios citados acima, passando três semanas em cada um deles nos meses de setembro, novembro e dezembro de 2022. Uma das atividades propostas ao longo do curso foi a de refletir como a grande mídia (TV, rádio e jornal) via a cidade deles e como eles mesmos a viam. Com esse olhar, os alunos foram convidados a sair da sala de aula para fazer registros fotográficos que, a partir dos próprios olhares, representassem suas respectivas cidades.

O resultado dessa atividade nos levou a questão central desse estudo: como as fotografias produzidas pelos alunos do Curso de Multimídia do projeto ÀWÚRE Ribeirinhos representam as cidades de Curralinho, Breves e Melgaço no Marajó? Lateralmente, como essas imagens refletem identidade, cultura e as percepções locais? O objetivo geral é buscar compreender o que de Amazônia os marajoaras percebem nas suas cidades.

Diante disso, partimos de um primeiro momento para categorizar o conteúdo (Bardin, 2011) produzido na saída fotográfica dos alunos, para, em seguida, compreender as imagens em seu contexto sociocultural e as construções das relações de poder expostas ali através do conceito foucaultiano (Foucault, 2014; 2015) de dissidência, que nos permita olhar a região do Marajó através das lentes de quem a habita. Para este fim, buscamos relacionar como essas fotografias retratam a produção de sentidos dos jovens a partir das próprias cidades e ambiente ao redor, considerando a perspectiva comunicacional e as dinâmicas da comunicação midiática na Amazônia. Além disso, faremos uma análise crítica embasada nas teorias da ecologia decolonial (Ferdinand, 2022) e da epistemologia da alteridade (Martino, 2016), visando ampliar o diálogo reflexivo sobre as vivências dos adolescentes na região e as próprias formas de reproduzir o cotidiano nas fotografias.

Amazônia Inventada: representações e estereótipos

A Amazônia, frequentemente considerada como um espaço mítico e emblemático, tem sido objeto de intensos debates e controvérsias em relação à sua percepção, representação e uso do termo no singular. Lar de uma rica diversidade de povos indígenas, fauna e flora, é múltipla e composta por realidades complexas e diversos saberes, tem sido concebida e moldada, ao longo da história, pela influência de diferentes discursos políticos, econômicos e culturais.

Nas reflexões de Gondim (2007), nos deparamos com a ideia de uma Amazônia forjada já no século XVI, onde a construção social da região começa enredada em mitos e fábulas de mistério e riqueza. O que repousa, até hoje, na reificação dessas narrativas que se acumulam sobre a Amazônia. Neste sentido, questiona essa construção conceitual como algo homogênea, demonstrando que essa representação generalizante apaga a diversidade cultural e a multiplicidade de realidades presentes na região. Essa “invenção” da Amazônia contribui para uma visão reducionista que não capta a complexidade, as especificidades das comunidades locais.

Para além disso, se segue uso comercial da Amazônia tida como uma mercadoria, uma marca, para fins econômicos e políticos (Amaral Filho, 2016). A exploração comercial da imagem da Amazônia tem implicações profundas na forma como a região é percebida e tratada, muitas vezes, reduzindo-a a um mero cenário exótico ou a uma fonte inesgotável de recursos naturais, negligenciando povos e culturas.

É preciso olhar a Amazônia escutando e compreendendo quem nela vive. Davi Kopenawa no livro “A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami” (Kopenawa & Albert, 2015), apresenta uma perspectiva singular ao discutir a Amazônia sob a ótica de um xamã Yanomami. Na obra, o autor expõe sua visão sobre a relação dos povos indígenas com a terra, com a floresta e com o mundo dos espíritos. Através da narrativa, podemos obter uma compreensão outra da Amazônia, destacando a conexão intrínseca dos povos indígenas com a natureza e as ameaças que enfrentam devido à exploração predatória e à invasão de seus territórios por atividades de centralidade capitalista, como a mineração e o agronegócio.

Então, enredadas por todas estas concepções, sabemos que a região parece ser, ao mesmo tempo, um santuário de biodiversidade, um espaço sagrado para os povos indígenas, uma fronteira

para exploração econômica, além de uma invenção social e política. O uso do termo no singular pode, portanto, obscurecer a riqueza dessas narrativas e perpetuar uma visão estereotipada e simplista da região. A compreensão da Amazônia como uma entidade plural e multifacetada é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas mais conscientes e sustentáveis, que levem em consideração a preservação dos ecossistemas, a proteção dos direitos dos povos que nela vivem, o que não se resume apenas aos povos originários, como vamos ver ao longo deste artigo, e o respeito à diversidade cultural presente nessa região.

É essencial romper com estereótipos e enxergar a Amazônia como um espaço complexo, dinâmico e vivo, habitado por uma diversidade de vozes e conhecimentos. Se faz necessário pensar a Amazonia a partir de um deslocamento epistêmico, uma mudança de olhar para a perspectiva de quem habita e ouvir os discursos e saberes produzidos localmente.

Na esteira desse princípio estereotipado, a representação midiática da Amazônia muitas vezes se concentra em discursos específicos, como o discurso da ecologia. Essa abordagem tende a enfatizar temas como a biodiversidade, desmatamento e problemas ambientais, contribuindo para a formação de uma imagem estereotipada e unidimensional da região (Dutra, 2001, 2022). Ao enfatizar esses tópicos recorrentes, pode-se criar uma “história única” (Adichie, 2009) da Amazônia, simplificando sua complexidade e diversidade cultural. No entender de Dutra (2001), a mídia, ao selecionar determinados aspectos da Amazônia para destacar, muitas vezes, negligencia a multiplicidade de vivências e realidades que compõem a região, onde, naturalmente, repetem/transformam sentidos historicamente fabricados.

A cobertura jornalística, conforme discutido por Dutra (2022), pode ser influenciada pela busca por notícias impactantes e sensacionalistas, tendendo a distorção da compreensão pública da

Amazônia. A ênfase em crises ecológicas parece obscurecer a rica cultura e os modos de vida dos habitantes locais, perpetuando a ideia de que a região é principalmente um “espaço verde” a ser explorado, ignorando a complexidade social e histórica presente. A mídia enfrenta desafios ao cobrir uma região vasta e multifacetada como a Amazônia.

Para Dutra (2001, 2022), devido aos direcionamentos conhecidos da abordagem noticiosa, se faz necessário simplificar narrativas para que se adequem aos espaços limitados dos meios de comunicação, o que tende a contribuir para a construção de imagens distorcidas ou superficiais. A complexidade da Amazônia, muitas vezes, não encontra espaço na cobertura midiática convencional, levando a uma compreensão restrita da região (Dutra, 2001, 2022).

Quando falamos de uma Amazônia, vêm-nos logo à mente os velhos estereótipos a respeito de sua extensão física com suas particularidades de “inferno e paraíso”, beleza e feiura, riqueza natural e pobreza humana. Nesse sentido, somos quase sempre levados a pré-conceber uma Amazônia lá, e não uma Amazônia aqui (Dutra, 2022, p.1).

O que podemos perceber, segundo Dutra (2022), é que as pautas nacionais têm como foco a Amazônia não urbana, mostrando, na maioria das vezes, os aspectos naturais da região e os povos originários como estáticos. E essa imagem de Amazônia propagada pela mídia, ao ser debatida com os alunos do Marajó, trouxe profundos desconfortos. Muitos deles afirmavam que, para a grande mídia, a região era “apenas uma ilha”, “lugar de violências” ou, simplesmente, “não existia”.

Para o pesquisador caribenho Malcon Ferdinand (2022) é urgente o deslocamento do antropoceno, o que nos exige uma construção de igualdade e emancipação dos povos, partindo da

compreensão da relação colonial e como ela não se reduz a relação entre grupos humanos, mas a ambientes, não humanos, um ecossistema, um local de habitar.

Esse pensamento decolonial “propõe uma crítica epistêmica a fratura colonial, ou seja, uma crítica das categorias de pensamento do mundo que foram impostas pela colonização das Américas” (Ferdinand, 2022, p. 252), imprimindo uma ecologia decolonial com uma ecologia de luta. A decolonização epistemológica nos permite olhar o Marajó pelas lentes de quem habita, onde podemos descobrir então “uma ecologia dos pretos, uma ecologia dos pobres e uma ecologia da favela excluídas da grande narrativa global da ‘verdadeira’ crise ecológica” (*idem*, p. 256). Essas cidades evidenciam esse colonialismo ambiental que o autor discute em seu livro, ao observarmos a crise vivida por essas populações rodeadas de água, mas ainda assim sem água potável para beber, por exemplo.

Nesse exercício de uma descolonização epistêmica, gostaríamos também de mergulhar em uma Epistemologia da Alteridade proposta por Sá Martino (2016), a partir da qual o autor debate a importância do reconhecimento e compreensão do outro, afirmando que a comunicação se dá como um compartilhamento. Foi através desses olhares que partimos para a análise das imagens produzidas pelos jovens marajoaras. Visto que “a razão e a técnica, desprovidas de um balanço pautado na alteridade, tornam-se pura violência classificatória destinada a ‘explicar’ o outro, mas não a compreendê-lo” (Martino, 2016).

Em razão disso o exercício foi de livre escolha por parte dos alunos quanto ao “o que” fotografar, com o direcionamento central de que os registros representassem os próprios cotidianos, as próprias cidades. Não buscamos, aqui, explicar suas fotos, mas compreendermos em qual Amazônia esses jovens vivem e o que querem/desejam fazer ver.

Amazônia fotografada: o olhar de quem habita

O Curso de Multimídia do projeto ÀWÚRE Ribeirinhos contou com a participação de 16 alunos na cidade de Curralinho, 18 alunos em Breves e 14 em Melgaço. Jovens estudantes do ensino médio na faixa etária de 15 a 18 anos, moradores das cidades e das ilhas circunjacentes. Diante disso, o primeiro passo foi categorizar o conteúdo (Bardin, 2011) das 503 fotos⁵ produzidas na saída fotográfica dos alunos, observando as imagens em seu contexto sociocultural e as construções das relações de poder expostas ali.

O exercício fotográfico oferece uma plataforma para a expressão de múltiplas perspectivas. Bem ao gosto de Barthes (1984), o exercício fotográfico imprime um mergulho no mundo poético do olhar. Ao convidar os alunos a capturarem a essência de suas cidades, o exercício permite que estes diferentes olhares e histórias sejam compartilhados. A poética está no fato de que cada imagem representa uma visão única do cotidiano, da cultura e das experiências locais, desafiando a narrativa monolítica que frequentemente caracteriza regiões marginalizadas.

Neste sentido, como nos explica Joly (2012), fazer uma imagem é primeiro olhar, escolher, aprender. Ela argumenta que não se trata de reproduzir modelos, mas reconstruir experiências, estimular repertórios individuais, mas carregados de coletividade. Ou seja, é sempre uma “mensagem para o outro, mesmo que o outro seja nós mesmos” (Joly, 2012, p. 55).

Com base nos tópicos abordados no capítulo anterior, considerando a perspectiva comunicacional e as dinâmicas da comunicação midiática na Amazônia, buscamos agora compreender

⁵ Todas as imagens seguem disponíveis por meio de link próprio: https://1drv.ms/f/s!Ao0XJfwH_OKMidB15GdnacBXzEjMow?e=SmdJo8

como essas fotografias retratam a representação desses jovens de suas cidades e seu ambiente. Para tanto, as lições de Panofsky (2017) serão nosso cimento para investigar o ensaio fotográfico dos alunos, a partir da esfera simbólica como percepção desses adolescentes sobre o mundo que os rodeia. Num primeiro momento classificamos as fotos, o que Panofsky chama de iconografia, e, em seguida, praticamos uma iconologia, desvelando alguns possíveis significados a respeito do próprio ato de fotografar como uma dissidência visual (Foucault, 2014, 2015).

Dessa forma, ao analisar as fotografias produzidas pelos alunos do Curso de Multimídia do projeto ÀWÚRE Ribeirinhos e como essas fotografias representam as cidades de Curralinho, Breves e Melgaço, no Marajó, a partir de uma perspectiva iconológica, foi possível refletir questões como a identidade, a cultura e as percepções locais.

As comunidades locais interagem com os meios de comunicação em um contexto globalizado e se constroem assim as relações entre mídia e comunidade (Paiva, 2009). Essas questões são relevantes para compreender como os alunos percebem e representam suas cidades através das fotografias e como a mídia tradicional as retratam. É preciso compreender que em suas diferentes formas, a mídia exerce grande influência podendo afetar as percepções e a identidade das comunidades locais (Paiva, 2009).

Essa perspectiva nos ajuda a interpretar como os jovens enxergam suas cidades em relação às influências midiáticas e como o processo fotográfico pode estimular uma desobediência epistêmica (Mignolo, 2008). Através desse exercício podemos desafiar ou reforçar as representações dominantes da região e contribuir para uma narrativa local mais autêntica e contextualizada (Meneses, 2020).

A análise de perspectiva iconográfica se deu a partir do estabelecimento de três categorias: a primeira a partir do cenário urbano, que apresenta fotos recorrentes das feiras, praças e ruas das cidades; a segunda categoria se apresenta a partir de elementos da natureza, como rios e plantas; e a terceira categoria, que a princípio nem havia sido pensada, mas se mostrou de extrema relevância, indica a presença de barcos em número significativo de imagens produzidas pelos alunos, refletindo o cotidiano dos caminhos seguidos pelos rios.

Essas fotografias produzidas pelos alunos não apenas refletem a realidade, mas também a constroem de maneira mediada (Couldry & Hepp, 2020) destacando certos aspectos das cidades, ao mesmo tempo em que podem negligenciar outros, moldando as percepções dos jovens sobre seus locais de origem. Das 503 imagens analisadas 418 retratavam urbanidades (143 em Curralinho, 147 em Breves e 128 em Melgaço). Em sua maioria eram fotos das ruas, do comércio local e das praças, mostrando espaços que são comuns aos moradores. Lugares de encontro, onde são vivenciados os momentos de lazer e espaços onde a economia dos municípios se desenvolve. Espaços como igrejas e prédios públicos também puderam ser observados.

No município de Curralinho, por exemplo, a praça da igreja e o complexo de abastecimento da cidade (onde funciona o mercado municipal) foram recorrentes nas imagens feitas pelos jovens. A presença de pessoas nos registros também foi um indicativo da importância das relações com a comunidade. Na figura 1 notamos, na expressividade do uso do preto e branco, certa elegância e equilíbrio, que demonstram aspectos do orgulho da fotógrafa ao celebrar uma memória afetiva reencontrando a própria comunidade em locais tradicionais, como a feira.



Figura 1 – Complexo de abastecimento da cidade (Acervo da autoria, foto feita pela aluna Carol, em Currálinho, 2022).

Ainda na primeira categoria e considerando o município de Breves, as fotos recorrentes tratavam - além de espaços públicos, como a feira e os prédios comerciais - de imagens religiosas cristãs, como o registro da escultura de uma santa, localizada no centro da cidade. Esse tipo de registro permeou várias fotografias, seja como foco da imagem religiosa ou em plano de fundo, figurando na composição da fotografia. Na figura 2, percebemos uma atmosfera de respeito aos valores tradicionais, na qual o aluno consegue produzir um efeito de submissão e fé religiosa, impondo registro de angulação de baixo para cima.



Figura 2 – Imagem religiosa que fica na entrada da cidade pelo rio (Acervo da autoria, foto tirada pelo aluno Thiago, em Breves, 2022).

No município de Melgaço, os retratos de urbanidades focaram, principalmente, nas ruas da cidade. Apesar de imagens de caráter religioso, que esteve presente nos três municípios, neste, as ruas sem asfalto, obras inacabadas e sinais de abandono público ganharam espaço nas lentes dos alunos, como lugares de descarte irregular de lixo. Como vemos na figura 3, o uso de claros e escuros, com a câmera centrada contra o sol, estimula um olhar crítico e ácido do aluno, que faz uso de uma paleta de cores em tons terrosos para nos chamar atenção para o inconveniente, para o atravessado e para o descaso das autoridades.



Figura 3 – Trator abandonado (Acervo da autoria, foto tirada pelo aluno Eneudaldo, em Melgaço, 2022).

A segunda categoria estabelecida se trata da “Amazônia verde” narrada pela grande mídia e apenas 35 das fotos feitas pelos alunos buscaram retratar esse tipo de abordagem como central nos próprios cotidianos (10 em Curralinho, 16 em Breves e 9 em Melgaço). Nesta categoria é preciso entender que não se trata do fato de não estarem cercados de natureza, mas, sim, dela ser aquilo que representa a respectiva cidade por meio dos próprios olhares.

Nas três cidades as imagens que remetiam a natureza eram de plantas que ocupavam espaço no meio da própria área urbana e apenas 6 imagens retratavam o rio que cercava a cidade. Na figura 4, o fotógrafo nos convida a experimentar de maneira muito intimista e bucólica esse comum de seu dia a dia. O olhar acostumado, mas ainda de encanto. Mais uma vez o respeito a uma “autoridade”, a natureza, com a câmera de baixo para cima.



Figura 4 – Árvore (Acervo da autoria, foto tirada pelo aluno Alan, em Breves, 2022).

A última categoria não havia sido pensada quando este artigo começou a ser escrito, mas através da leitura flutuante, proposta por Bardin (2011), foi possível observar uma presença relevante dentre as imagens produzidas pelos alunos. 50 fotografias tiradas por eles possuíam como elemento central os barcos, principal meio de transporte intermunicipal (18 em Currálinho, 23 em Breves e 9 em Melgaço). Mas é necessário compreender o contexto desse meio de transporte, na região. As cidades cercadas de águas tornam o sistema fluvial central para a região, pelos rios saem e chegam pessoas, comidas, informações, ele acaba por ser “rua”, comunicação, confluência de vidas e formas de viver (Harris, 2017).

Na figura 05, a fotografia expõe todo o esplendor e exuberância do rio, metaforicamente a “rua” da casa dela, com um olhar atento para as texturas, que, contornadas pelo jogo de claros e escuros e um corte contrabalanceado pelos barcos na parte inferior direita da foto, impõem uma beleza plástica

sinestésica. Para a aluna, é importante que percebamos que os barcos criam um equilíbrio único com a natureza. Não só o olhar é atraído, mas o corpo todo sente o frenesi de estar diante dessa magnitude. E, como é comum o banho no rio entre as pessoas moradoras locais, com certeza, dá vontade de pular na água.



Figura 5 – Barcos (Acervo da autoria, foto tirada pela aluna Delli, em Curralinho, 2022).

Visto que a orientação da atividade era que os alunos fotografassem coisas que representassem as cidades onde residem (Tabela 1), foi possível observar várias formas de dissidência, pois as imagens desafiam as narrativas hegemônicas e ampliam os espaços de discussão imagética/de significados em direção às vozes entendidas como subalternas (Ribeiro, 2020).

TABELA 1
Resumo das categorias de trabalho e dos registros fotográficos

Item	Total	Por localidade	Breve descritivo
Universo das fotos	503	162 em Curralinho, 186 em Breves e 146 em Melgaço	Cenário urbano, elementos da natureza, presença de barcos
Categoria cenário urbano	418	143 em Curralinho, 147 em Breves e 128 em Melgaço	Ruas, comércio local, praças.
Categoria elementos da natureza	35	10 em Curralinho, 16 em Breves e 9 em Melgaço.	Plantas em área urbana e rios próximos às cidades.
Categoria presença de barcos	50	18 em Curralinho, 23 em Breves e 9 em Melgaço.	Barcos como elemento central.

FONTE – Elaborado pela autoria (2024)

Essa dissidência visual revela as nuances da vida nessas localidades e desafia a tendência de perpetuar a invisibilidade dessas comunidades nas representações midiáticas. Para Foucault (2014, 2015), a dissidência se refere a ações, práticas e discursos que desafiam, questionam ou resistem às normas, estruturas e sistemas de poder estabelecidos. A dissidência não é apenas uma forma de protesto ou oposição direta, mas também envolve a criação de alternativas e possibilidades que transcendem o quadro existente de conhecimento e poder. Em suas obras, o autor examina como a dissidência pode ser um meio de criar fissuras no discurso dominante e abrir espaço para novas perspectivas e formas de ser (Foucault, 2014, 2015).

Ao observar as relações de poder que permeiam a construção midiática do que é a Amazônia, se opor a marca construída através de processos de dissidência se mostrou valioso ao rompimento. Quando uma única narrativa ou perspectiva domina, isso resulta em estereótipos, incompreensão e invisibilidade de outras experiências e vozes (Adichie, 2009).

Ao considerar o cenário em que 418 imagens retratam urbanidades, apenas 35 retratam a “Amazônia verde”, se aproximando do pensamento da mídia hegemônica, e 50 têm embarcações como elemento central, podemos interpretar a diversidade de imagens como diferentes “lugares de fala”. Os alunos, ao capturar suas cidades, estão exercendo suas vozes individuais e coletivas, contrapondo-se à visão monolítica muitas vezes perpetuada pela mídia tradicional.

A relação entre os resultados e o conceito de dissidência (Foucault, 2014, 2015) é evidente. As fotografias, ao desafiar as narrativas predominantes, criam fissuras nas representações estereotipadas da Amazônia e das cidades do Marajó. Assim como Foucault (2014, 2015) destaca que a dissidência questiona estruturas de poder estabelecidas, as imagens fotográficas podem ser vistas como um desafio ao status quo midiático.

As imagens que divergem das imagens tradicionalmente associadas à Amazônia, como as que retratam a vida urbana ou os barcos, rompem com a narrativa única que a grande mídia, muitas vezes, perpetua. Percebe-se que as fotografias produzidas pelos alunos se alinham com a ideia de que a representação midiática limitada leva a estereótipos e incompreensões. Através do exercício, os alunos desafiam essa “história única” (Adichie, 2009) e ampliam a visão das suas cidades e da Amazônia como um todo. A capacidade dessas imagens de expressar múltiplas perspectivas também está relacionada com o empoderamento desses jovens, permitindo que se tornem autores de suas próprias narrativas e que suas vozes sejam ouvidas, respeitadas.

O exercício fotográfico empodera os jovens a serem contadores de suas próprias histórias. Ele qualifica o olhar dos alunos a se tornarem autores de sua representação, contrastando com a tendência de serem retratados de acordo com as agendas dos outros. Essa possibilidade de autoria proporciona uma sensação de agência, permitindo que as vozes locais sejam ouvidas e respeitadas. Essas imagens não apenas retratam as cidades do Marajó, mas, também, desafiam os estereótipos, subvertendo a narrativa hegemônica.

Essas experiências imagéticas que carregam sentidos outros e proliferam uma desobediência epistêmica, ao questionar os enquadramentos permeado de olhares artificiais da mídia, permite que essas fotografias sejam um instrumento poderoso na construção de uma identidade local autêntica e no fortalecimento das vozes invisíveis. O instante da dissidência visual, portanto, não está na foto em si, no olhar entrelaçado com o da máquina, da técnica, mas no momento que o jovem pergunta, ao se deparar com seu próprio espaço criativo, e pergunta “eu realmente posso fazer isso?”. A resposta é uma explosão de novas formas de sentido do próprio espaço. Propõe-se, então, que a oficina assume um papel de dissidência através das imagens produzidas ao estruturar/construir oposição a uma imagem criada midiaticamente de Amazônia.

Considerações Finais

Assim, essa jornada pelos rios do Marajó se transformou em uma jornada de (auto)descoberta, expressão e resistência, reconfigurando a maneira como enxergamos essa região tão rica em história, cultura e experiências. A busca por uma compreensão mais profunda e respeitosa da Amazônia

continua, impulsionada por essas imagens que nos convidam a escutar, a aprender e a desafiar a narrativa única em prol de uma perspectiva mais ampla.

Neste contexto, o Curso de Multimídia do projeto ÀWÚRE Ribeirinhos desempenhou um papel essencial ao envolver jovens estudantes do ensino médio, moradores das cidades e das ilhas circunjacentes de Curralinho, Breves e Melgaço, na expressão de suas vivências e perspectivas através da fotografia. A análise das 503 fotos produzidas por esses alunos permitiu uma compreensão profunda de como eles representam as próprias cidades e ambientes.

Ao estabelecer três categorias de análise - cenário urbano, elementos da natureza e, posteriormente, a presença de barcos - foi possível perceber que essas imagens não apenas refletem a realidade, mas também a constroem de maneira mediada, destacando certos aspectos das cidades enquanto podem negligenciar outros. A maioria das imagens retratou o cenário urbano, mostrando espaços comuns aos moradores, como feiras, praças, ruas, comércio local, igrejas e prédios públicos. Essas fotografias capturaram lugares de encontro, de lazer e de desenvolvimento econômico das cidades.

A categoria da “Amazônia verde”, substancialmente retratada pela grande mídia, foi menos explorada pelos alunos, o que revela que eles enxergam as próprias cidades de uma perspectiva que está além do estereótipo da natureza exuberante. As imagens da natureza se limitaram, principalmente, a plantas que ocupam espaço no meio urbano, enquanto o rio, tão central para o cotidiano da região, foi menos representado.

Como já colocado, ainda assim, uma categoria emergiu de forma surpreendente por meio da presença significativa de barcos nos registros feitos pelos jovens. Essa escolha reflete a importância do

sistema fluvial na vida dessas comunidades, em que os rios são as vias de transporte, comunicação e confluência de vidas e formas de viver.

A análise dessas fotografias demonstrou a dissidência visual dos alunos em relação às narrativas hegemônicas sobre a Amazônia e as cidades nas quais habitam. As imagens desafiam estereótipos, subvertem a narrativa dominante da mídia tradicional e ampliam a visão das cidades e da região, como um todo. Ao incentivar o empoderamento dos jovens como autores das próprias narrativas, o exercício fotográfico serviu como ponte para que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas, contribuindo para a construção de uma identidade local própria e fortalecendo as vozes invisibilizadas, em variadas camadas.

Portanto, essas imagens não são apenas fotografias, são instrumentos poderosos na luta pela representação de olhar endógeno partindo de cidades do Marajó, além de promoverem uma diversidade de perspectivas que desafiam a visão estereotipada da Amazônia. A dissidência visual está não apenas nas fotos em si, mas no poder transformador que surge quando os jovens se tornam os narradores das próprias histórias e questionam os enquadramentos pré-estabelecidos, dando origem a novas formas de sentido e identidade nos próprios espaços.

Referências

Acosta, A. (2016) *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Autonomia Literária; Elefante.

Adichie, C. N. (2009) *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.

Amaral Filho, O. (2016). *Marca Amazônia: o marketing da floresta*. CRV.

ÀWÚRE Ribeirinhos. Portal ÀWÚRE. <https://www.awure.com.br/awure-ribeirinhos/>

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Barthes, R. (1984) *A câmara clara*. Nova Fronteira.

Couldry, N. & Hepp, A. (2020). *A construção mediada da realidade*. Unisinos.

Dutra, M. J. S. (2001). A Amazônia na Tv: produção de sentido e o discurso da ecologia. *XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação*, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/27354693151354466114859850109076138042.pdf>

Dutra, M. S. (2022). *A Amazônia como campo de trabalho jornalístico*. Manuel Dutra Jornalismo Ciência Ambiente. <http://blogmanuel Dutra.blogspot.com/2022/06/a-amazonia-como-campo-de-trabalho.html>

Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Ubu Editora.

Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis.

Foucault, M. (2015). *Microfísica do Poder* (3 ed.). Terra e Paz.

Gondim, N. (2007). *A invenção da Amazônia*. Valer.

Harris, M. (2017). *Rebelião na Amazônia: Cabanagem, raça e cultura popular no norte do Brasil, 1798 - 1840*. Cambridge University Press.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2010). *Panorama Cidades*. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística - IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2021). *Panorama Cidades*. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística - IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa>

Joly, M. (2012). *Introdução à análise da imagem* (14 ed.). Papirus.

Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.

Martino, L. M. D. S. (2016). *Epistemologia da alteridade: entre o erklären (explicar) e o verstehen (compreender) de outrem*. Líbero.

Meneses, M. P. (2020). Desafios à descolonização epistêmica: práticas, contextos e lutas para além das fraturas abissais. *Contemporânea*, 10(3), 1067-1097. <https://doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.10>

Mignolo, W. D. (2008). Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos De Letras Da UFF – Dossiê: Literatura, Língua E Identidade*, 34, 287–324.

Paiva, R. (2009). *O Retorno da Comunidade: Os Novos Caminhos do Social*. Mauad.

Panofsky, E. (2017). *Significado nas artes visuais*. Perspectiva.

Ribeiro, D. (2020). *Lugar de Fala*. Jandaíra.

Ribeiro, V. (2016). *Na cidade com menor IDH do país média salarial é de R\$ 127*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2016-09/na-cidade-com-menor-idh-do-pais-media-salarial-e-de-r>